

MIGRANTES EM JARAGUÁ DO SUL (SC)

Novos “carreros” a serem percorridos e a tessitura do “fio de Ariadne”

Ancelmo Schörner *

A história oficial de Jaraguá do Sul¹, cidade localizada no Norte de Santa Catarina, sustenta que em 1864 a princesa Isabel, filha do imperador Pedro II e herdeira do trono, casou-se com o Conde d’Eu. Como parte do dote constavam as terras que vieram a formar o município, no Vale do Itapocu. Ao engenheiro e coronel Emílio Carlos Jourdan, amigo do Conde d’Eu e da princesa Isabel, coube a tarefa da demarcação das terras. No princípio eram 12 léguas quadradas, sendo aumentadas, posteriormente, para 25 léguas quadradas.

A região começou a ser explorada efetivamente a partir da década de 1870, quando Jourdan chegou para tomar posse de dez mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte.

Antes da assinatura do contrato de medição, em 11/01/1876, Jourdan havia feito um contrato com a princesa para colonizar parte do referido patrimônio. Pelo contrato ela arrendou, durante 15 anos, 430 hectares de terras no Jaraguá-sede, fez promessa de venda de dois mil hectares e, caso a compra se efetivasse, não precisaria pagar o arrendamento recebendo, ainda, o direito de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios. Assim, a história do Jaraguá está intimamente ligada às amizades de Jourdan com os proprietários das terras onde foi erguido o Estabelecimento

Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877.

O processo de industrialização de Jaraguá do Sul (Schörner, 2000; 2003 e Schörner & Nodari, 2004) foi intensificado a partir de 1960-80, o que contribuiu para que a cidade recebesse considerável número de migrantes desde então. Com o tempo, a sedução da vida urbana traz para Jaraguá do Sul não apenas homens solteiros ou casados sozinhos, mas famílias inteiras que chegam sem nenhuma garantia, seja de trabalho, seja de moradia.

Os primeiros dias na cidade, encontrar moradia e emprego, significam o início do conhecimento das regras da cidade, apreender seus primeiros “carreros”, se familiarizar com uma realidade completamente nova: a cidade é um mundo a ser descoberto, desvendado, e quase todos contaram com inestimáveis auxílios nessa empreitada.

Pelo fato de, em geral, os migrantes integrarem um grupo originário de uma formação sócio-espacial distinta da do lugar onde viriam a se assentar, os mesmos procuraram ocupar áreas que permitissem manter a proximidade física e os laços de solidariedade social que as condições de moradia exigiam. A ocupação do Morro da Pedra, por exemplo, foi marcada pela presença dos paranaenses, cuja intensidade chega a 90% dos moradores.

Para Durham (1984: 8), a ida para a cidade, a saída do local de origem é, para

a maioria das pessoas envolvidas, uma transformação radical, e sustenta que em nenhum momento essa transformação se apresenta de modo tão dramático ou tão completo como quando se dá a transferência de indivíduos e grupos das comunidades mais tradicionais e mais pobres para os centros urbanos onde se concentram as inovações, a riqueza e os centros de decisão que transformam o país, haja vista que o migrante vive e realiza de modo concentrado modificações nos padrões de comportamento e nas relações sociais que refletem, ao nível da ação concreta dos sujeitos, as alterações que ocorrem na ordem estrutural de uma determinada sociedade.

De acordo com Margarida, moradora do Morro da Boa Vista desde 1988,

no Paraná se trabalhava na roça, a família toda, fazendo empreitada na terra dos outros. Hoje a família toda mora aqui, mas depois que veio eu e meu irmão, os outros todos vieram aos poucos, que lá não dava mais, não tinha mais recursos, como se tem aqui.

Outros, ao contrário, vieram no “escuro”², como foi o caso de Dona Sônia e seu marido em 1981. Segundo ela, sua “vinda para Jaraguá do Sul foi engraçada”, pois

no Paraná, em Mariluz se morava no sítio e tinha também um patrimônio, um lugar tipo um centro, com venda, igreja, posto de serviço, dentista, médico. Era bem pequeno. Quando decidimos vir pra Jaraguá em 1981 a

gente veio no escuro. Nós viemos atrás do compadre Alcides, que já morava aqui. Mas a gente não sabia onde ele morava e se pensava que Jaraguá era do mesmo tamanho que o nosso patrimônio. A gente era da roça, da agricultura e não tinha conhecimento de nada de como era uma cidade grande. Na verdade viemos aventurando melhorar de vida e está dando certo. Nossa, quando chegamos em Jaraguá foi uma surpresa tamanha que nem se sabia o que fazer, pra onde ir, por onde começar a procurar o compadre Alcides. Decidimos perguntar. Mas é claro que ninguém conhecia o compadre Alcides na cidade. Foi um sufoco. Aí andamos mais um monte pelas ruas da cidade e nada. Fomos para um hotel e achei estranho que todo mundo olhava pra gente, mas fomos, eu e o meu marido. No outro dia é descobrimos que lá era um lugar de se fazer ponto, de se levar mulher, muito freqüentado por prostitutas. Hoje a gente ri da situação. No outro dia, então, saímos procurar o compadre e nada. Andava, perguntava, mas não se sabia nem pra onde ir e nós já tinha se perdido umas quantas vezes. Até que perguntamos pra um engraxate que tava na rua se ele sabia de um fotógrafo meio negro aqui em Jaraguá, que foi disso que eu lembrei do compadre. O engraxate disse que sabia quem era e sabia até onde ele tava construindo uma casa, lá pelos lados do Bairro Água Verde. Aí embarcamos num taxi, com o piázinho e fomos ver se era mesmo o compadre Alcides. Quando começamos a entrar numa rua, vimos a casa e tava lá o compadre Alcides. Nós ficamos na casa dele um tempão, que ele tava construindo mais não ia precisa logo. Era só quatro paredes e lá a gente ficou. O fogão foi feito com umas pedras. (...) Ele ajudou muito a gente aqui.

Embora as expectativas sejam definidas, a direção da mudança não é rigidamente programada. Ela se estabelece a partir de informações obtidas através de canais informais

(cartas de parentes e amigos, conversas nas férias etc.). Assim, sabia-se que um parente, um conhecido estava bem em determinado local, e o fato de não terem regressado à comunidade de origem confirmava esta suposição positiva e era um indicativo de um caminho a ser seguido. Contudo, enquanto que a escolha do local de destino pode resultar de acontecimentos fortuitos, a escolha da moradia na cidade baseia-se em critérios mais objetivos, como a proximidade de parentes e conhecidos ou de trabalho.

Antes de mudar pra Jaraguá nós moramos em Luís Alves (SC), Cuiabá (MT) e também no Amazonas. Quando decidimos sair, o fato de que a família do meu marido já morava em Jaraguá foi decisivo. Foram esses parentes que arrumaram o primeiro emprego para ele em uma fábrica de essências, que depois trabalhou em uma malharia por vários anos (Ana, mora no Morro da Boa Vista desde 1987).

É que meus filhos já moravam em Jaraguá há vários anos e aqui era uma cidade boa de emprego. A gente também não tinha mais o que fazer em Lages e decidimos procurar emprego aqui. (...) Meus filhos conseguiram emprego com a ajuda de amigos e conhecidos. Naquela época a indicação era importante. Não é como hoje que tem um monte de papel para preencher, exames para fazer. Quando se indicava alguém para trabalhar era quase 100% que ele ia conseguir a vaga (Dona Berberina, mora no Morro da Boa Vista desde 1988).

O estabelecimento de uma rede de comunicação entre os migrantes e seus locais de origem freqüentemente orientava o processo migratório. Cartas, fotografias, cartões-postais, telefonemas etc., tinham papel importante para o fornecimento de dados e criação de um imaginário cultural do local de destino. Toda essa propaganda, incentivada em grande medida pelas empresas, ajudava

a consolidar a imagem positiva de Jaraguá do Sul.

A possibilidade de obter um emprego determinado não implica apenas em saber de sua existência, mas em conhecer o modo específico de disputá-lo ou de se qualificar para ele³. É apenas na medida em que ele consegue informações sobre as características concretas de determinadas ocupações que se orienta no sentido de tentar ocupá-las. Por isso, acaba dependendo da ajuda dos que já estão na cidade.

Um irmão meu tinha vindo antes e mandava notícias sempre pra lá. Nos finais de ano é que se juntava mais gente de Jaraguá lá e então era tempo de saber mais detalhes daqui, de onde arrumar emprego, onde morar, como se virar. Quando se indicava alguém pra trabalhar era certo que arrumava emprego. Com meu marido foi assim. Meu irmão arrumou pra ele na X e ele está lá até hoje (Dona Cleonice, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Às vezes a pessoa já vinha com tudo, com mala e cuia como diz o ditado. Às vezes vinha só o homem e depois ia buscar a família. Assim ia. Meu cunhado veio com tudo. Meu sobrinho também porque eu arrumei uma casa pra ele. Depois veio a mulher dele e logo ela começou a trabalhar. A ajuda familiar na época era muito interessante porque além de você arrumar o lugar pra pessoa morar você também indicava o emprego. No emprego onde você trabalhava você indicava o amigo ou parente. Era assim. Tudo tinha que se ajudar, familiares, amigos, conhecidos, tudo. Porque quando se trata de família tanto faz a minha como a sua, do vizinho, tudo é família. Acho que toda ajuda de uma família pra outra é importante porque pode garantir a sobrevivência do pessoal na cidade. Era uma ajuda importante pra pessoa se estabilizar na época, se estruturar melhor, ter onde morar e conseguir emprego. Era assim que funcionava (Marcelino, mora no Morro da Pedra desde 1990).

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: A tessitura do “fio de Ariadne”

Na cidade a estrutura tradicional de relações familiares é alterada a partir da necessidade de incorporar as referências e linguagens do urbano, como condição de sobrevivência no novo lugar. Quase sempre, com o passar do tempo, vão afrouxando os laços de compadrio, e com os novos modos e hábitos reinventam o seu cotidiano nos espaços que ocupam. Entretanto, a terra do Paraná, por exemplo, deixa traços, marcas e indícios das origens no viver cotidiano dos novos moradores. Esses traços podem ser identificados no andar, nos gestos e no vocabulário.

A redefinição das pessoas e da família na estrutura urbana é vivida em meio à desagregação dos laços de solidariedade, à perda dos valores e ideais, que resultam numa sistemática desapropriação e reapropriação dos elementos de auto-reconhecimento. Da mesma forma, essas travessias possibilitam que as histórias individuais se cruzem com outras na constituição de movimentos que marcam as trajetórias dos migrantes na cidade.

A mudança para a cidade implica, para muitas dessas famílias, o rompimento com um modo de vida em que família e trabalho estão fortemente baseados na autoridade familiar do pai. Na situação industrial, ele perde o controle direto do processo produtivo de seus filhos. Família e trabalho são agora duas esferas autônomas que implicam também em regras de autoridade específicas e diferentes (Alvim, 1997: p.15).

Observa-se, então, de certa forma, a quebra da autoridade familiar, haja vista que nas comunidades rurais a família era a unidade produtiva. Era o pai quem distribuía as tarefas, dirigia o trabalho e recebia a remuneração. Na cidade, ao contrário, filhos e pais trabalham em lugares diferentes, em atividades independentes e recebem cada um o seu

salário. Desfaz-se deste modo o fundamento econômico da autoridade paterna. Mas as alterações na posição econômica relativa dos membros da família não se devem somente à individualização de trabalho. As oportunidades de trabalho favorecem de modos diversos jovens e velhos. São os chefes de família mais idosos que passam a ocupar os empregos menos remunerados e são os mais novos que conseguem melhores posições. Subverte-se assim, no campo econômico, a hierarquia doméstica, dificultando a manutenção da autoridade paterna nos moldes tradicionais.

Na cidade a prerrogativa em termos de subordinação – das mulheres aos homens, dos mais novos aos mais velhos – é invertida. Isso fica mais visível no caso dos filhos que vêm antes para a cidade e se tornam referências para os outros da família que vêm depois, ou seja, eles passam a depender daqueles para conseguirem emprego, documentos, enfim, se localizar e locomover nos “carreros” da cidade. Os mais velhos ou os que chegam depois, dependem deles para se inserirem nestes espaços, invertendo a relação de dominação presente no local de origem até o momento da migração. As regras de autoridade familiar, antes articuladas ao trabalho produtivo se modificam na passagem para o trabalho urbano.

Com alguma frequência, entretanto, escapar do ambiente familiar era justamente o objetivo de alguns migrantes. Para muitas mulheres, por exemplo, a migração podia ser vista como uma forma de livrar-se do domínio de pais ou maridos. Esposas abandonadas, mães solteiras ou simplesmente jovens insatisfeitas com sua situação familiar podiam encontrar no fluxo migratório uma sonhada perspectiva de fuga de um convívio considerado opressor. Para além da melhoria econômica, tratava-se também de “mudar de vida, libertar-se da influência paterna. A migração

transforma-se então numa libertação pessoal” (Fontes, 2002: p.73-74). Também nesses casos, porém, a migração era majoritariamente orientada através de contatos prévios e os lugares de destino eram, invariavelmente, regiões onde já residiam amigos, conterrâneos ou parentes. Contudo, mesmo com a reorganização das famílias na cidade, elas permanecem como o grupo doméstico responsável pelo bem-estar e a segurança econômica de seus membros e é o ponto de referência e o núcleo de reelaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas.

Certa imagem da migração, vista apenas como um movimento desordenado, “irracional”, feito às pressas, não corresponde à experiência de grande parte dos migrantes. A mudança, decisiva para a vida dos envolvidos, era, na maior parte das vezes, meticulosamente pensada e preparada da melhor forma possível, tanto no âmbito familiar como no da comunidade.

Eu vim com parte da minha família por falta de trabalho no Paraná. Muita gente vinha pra Jaraguá através de contatos com amigos que trabalhavam aqui. Eles sempre iam visitar a gente, mandavam recados e a gente sabia sobre Jaraguá. Quando cheguei fiquei morando na casa desse amigo e depois meus pais também vieram; esse amigo também me arrumou o primeiro emprego em uma fábrica de plásticos, onde trabalhei uns anos (Francisco, mora no Morro da Boa Vista desde 1992).

Em muitos casos, observamos o risco calculado do parcelamento provisório da família em migrar. Assim, jovens, solteiros, que mantinham contatos com amigos, parentes, conhecidos etc., geralmente são os primeiros a sair, mas mantêm laços sempre atados com a terra de origem. Muitas famílias, quando migram todos, deixam um pedaço de terra como garantia, para segurança no caso da empreitada não dar certo. A

migração sucessiva dos membros do grupo oferece a vantagem indiscutível de garantir a posição anterior enquanto se tenta estabelecer uma nova posição. Só com a consolidação dos membros no ambiente urbano é que se procede à migração dos outros e o abandono da posição ocupada na sociedade rural⁴.

A migração, mesmo a de jovens solteiros, em geral, não acarreta a dissolução completa dos laços com o grupo original. Em primeiro lugar porque ela acontece dentro de um movimento de relações formado na comunidade original. Em segundo porque, efetuada a migração, a comunidade de origem passa a apelar para os laços de solidariedade anterior, reforçando-os. O migrante passa a ser um ponto de contato entre a sociedade na qual se estabelece e a comunidade de origem. Familiares, parentes ou conterrâneos seguem-no na migração e o procuram para auxiliá-los a se estabelecerem-se na sociedade de destino.

Pra Jaraguá eu vim uma primeira vez em 1990, que foi quando eu trabalhei de ajudante de caminhão. Eu fiquei uns três anos aqui e voltei pro Paraná. Dois anos depois eu voltei e estou aqui no Morro da Pedra até hoje. Na primeira vez eu já tinha morado no Morro da Pedra (Seu Antônio, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Conhecidos que moravam e trabalhavam em Jaraguá falavam muito da cidade. Eu sempre ia adiando a vinda, deixando prá depois, pensando que lá ia melhorar. Uns parentes e irmãos vieram antes. Um colega arrumou onde eu morar e também trabalhar. Eu vim e depois o resto da família. Um chamava o outro e assim todos foram saindo. Eu era solteiro na época. Me lembro que foram uns dez anos de cartas trocadas entre esses conhecidos, que foram jogadas fora há um ano. Hoje a gente se contata por telefone com quem ficou lá (Paulo, mora no Morro da Boa Vista desde 1991).

Para Lopes (2000: p. 80), é importante observar como as histórias de vida são construídas e vão se entrelaçando umas às outras. A mobilidade da força de trabalho alastra as experiências adquiridas durante os trajetos migratórios e ocupacionais. Os que saem primeiro em busca de emprego na cidade grande exercem a função de “ponteiros” para os que ficam no aguardo de um aceno positivo para também partir. Geralmente o pai, os irmãos mais velhos, ou algum outro membro da família, exercem o papel de rastreadores, de interpretes do mundo, enquanto a mãe e os filhos mais novos permanecem no local à espera de alguma notícia. Os “guias”, quando em terras estranhas, procuram contato com algum parente ou conhecido que já vive no lugar há algum tempo. Esses encontros servem para restabelecer os laços de parentesco, amizades, atualizar os acontecimentos e trocas de informações sobre emprego, custo de vida, moradia, e outras dicas importantes para quem acaba de chegar. Mediante esses encontros especulares são tecidas as redes de solidariedade que amenizam a dor e o sofrimento de quem está longe de casa.

Os atributos sócio-demográficos e sócio-ocupacionais expressos através da origem do migrante, o grau de desenvolvimento e complexidade da estrutura ocupacional das localidades de destino, o contexto conjuntural na partida e na chegada, o tempo de residência e de conhecimento das regras do jogo na cidade constituem, nesse sentido, fatores intervenientes que potencializam as facilidades ou dificuldades de inserção ocupacional. Assim, a existência de redes de relacionamentos familiares, pessoais, conhecidos etc., foi um dos motivos que mais contribuiu para que a escolha do local de destino recaísse sobre Jaraguá do Sul.

Aqui em Jaraguá do Sul eu já tinha uns parentes que vieram em 86 e 87. Naquela época a gente vinha passear na casa deles no final do ano ou eles

iam pra lá. Nessas horas é que se falava de como iam as coisas em cada lugar, se tinha emprego, se era fácil de conseguir, se tinha onde morar, essas coisas. Além das visitas a gente se falava por telefone. Carta também se mandava, mas era pouco. Eu morava a 64 km do centro da cidade e em 87 foi instalado um posto de serviço no patrimônio, com telefone, o que facilitou a vida da gente (Seu João, mora no Morro da Pedra desde 1989).

É neste momento de transição de um local a outro que a existência de redes sociais de parentesco, de vizinhança e de solidariedade tornam-se fundamentais para os migrantes recém-chegados. Através dessas redes, muitas famílias puderam se inserir de fato na nova comunidade. No caso do Morro da Pedra, habitado por um número considerável de migrantes de uma mesma região, isso facilitou a permanência de laços de parentesco, compadrio, vizinhança e solidariedade. O fato de vários membros da família viverem próximos uns dos outros, de algumas famílias se organizarem em unidades extensas, ou até de haver proximidade de conterrâneos e amigos de diáspora, possibilita a formação de uma rede de apoio, em que avós, tios, sogros, companheiros, cooperam com seus parentes, ajudando tomar conta dos filhos para que alguns pudessem trabalhar fora, na construção da moradia, dividindo o lote para construir mais casas, emprestando dinheiro, indicando empregos, etc.

A História de Marcelino ilustra isso. Ele trabalhava em uma empresa de pavimentação, viajando para aonde tinha serviço e chegou a Jaraguá do Sul em 1990 por acaso. Ele morava em Dois Vizinhos (PR), mas estava trabalhando para uma companhia de pavimentação em Guarapuava (PR). Quando acabou o serviço foi demitido e se mudou temporariamente para Curitiba para “ver se conseguia um emprego, que ali teria mais oportunidade. Como eu sempre

tinha trabalhado em firma eu pensava em ficar em Curitiba mesmo". Em Curitiba ficou sabendo, através de um jornal, que estavam precisando de gente para trabalhar na pavimentação da BR 280, que liga Corupá a São Bento do Sul, em Santa Catarina. Ele viajou, mas como era uma época de chuva não chegou a trabalhar. Em Jaraguá do Sul ficou quatro meses na casa de um amigo no Bairro Vila Rau, que lhe convenceu a permanecer e procurar emprego na empresa WEG, onde trabalhou três anos e meio, quando saiu e começou a trabalhar em uma indústria têxtil, onde trabalha até hoje.

Após conseguir ajuda para morar e trabalhar, Marcelino se transformou em uma espécie de guia de parentes e conhecidos, conseguindo moradia e emprego para muita gente⁵. Segundo ele, chegou a fazer propaganda no Paraná para trazer gente a pedido da empresa onde trabalhava.

De acordo com ele, a primeira ajuda era para conseguir uma maneira da pessoa que iria chegar ter onde morar. A segunda era arrumar emprego. Feito isso, era só telefonar para o interessado avisando, aguardar sua chegada e levá-lo na empresa, onde já estava tudo acertado. Contudo, se não arrumasse casa muita gente não vinha.

Era muito complicado você arrumar uma casa. Se você arrumava a casa você ligava pra pessoa, amigo, parente e dizia que estava tudo certo. Aí o cara vinha. Sobre emprego nem pedia, porque isso era certo. Era mais fácil. Era chegar e trabalhar. Se você chegava e garantia o cara nem se fala. Chegava, apresentava os documentos básicos, não tinha teste, não tinha nada. Ia lá, olhava o serviço, nem teste não fazia. Hoje faz teste, na época não fazia, aí já começava a trabalhar. É que faltava muita gente, o encarregado fazia umas perguntas e o cara trabalhava. O número de funcionários que faltavam era muito grande. Aí então a escolaridade não importava na época. Hoje se não tiver segundo grau não

entra em empresa nenhuma praticamente (Marcelino).

A família ampliada, como rede e local da memória, constitui o canal crucial entre os dois lugares. As redes informais de solidariedade constituídas nas ruas dos morros de Jaraguá do Sul vão desde coisas emprestadas, indicações para emprego e de lugares onde se pode conseguir documentos, ajuda financeira para os primeiros dias, cuidar dos filhos, um lugarzinho para morar, até convites para festas, bailes, jogos de futebol, etc.

Esses "ponteiros" são, por assim dizer, uma espécie de "fio de Ariadne", pois permitem que os migrantes permaneçam ligados aos mais próximos, aos conhecidos. (Lopes, 2000: p.80). A família e o grupo de parentes são os personagens que auxiliam na passagem do estilo de vida do rural para o urbano, colaborando nas reelaborações de representações no novo lugar, orientando na busca de empregos, na participação no novo universo cultural e dando suporte na interpretação de novas identidades (Lucena, 1999: p.50-51).

Lá a gente trabalhava na roça, mas não dava mais. A nossa terra lá era pequena, os preços não compensavam e estava tudo cada vez mais caro. Aí deu certo da gente já saber daqui por uns amigos que tinha vindo antes, né, que de lá veio bastante gente pra Jaraguá e alguns até tão aqui no morro. Foi se criando uma rede de propaganda entre o povo de lá sobre Jaraguá. Então um vinha e depois já chamava outro e assim ia. Quem já estava aqui ajudava quem chegava e se ia tocando a vida (Zélia, mora no Morro da Boa Vista desde 1986).

Meus irmãos já moravam aqui e por eles se ficava sabendo de Jaraguá, que aqui era bom de emprego, de serviço, menos de moradia. Os contatos com os conhecidos eram feitos de um posto de serviço com telefone que tinha lá perto da vila e sempre se trocava informações de como andavam as coisas lá e aqui. Alguns ligavam da firma pra gente e contava que aqui era

bom. Fiquei parada uns quinze dias e já consegui emprego. Eu posso dizer que nós se demos bem aqui em Jaraguá (Dona Alzira, mora no Morro da Pedra desde 1994).

Ou seja, um parente ou conhecido bem colocado era sempre considerado uma "agência de empregos" (Durham, 1984: p.211), uma referência, alguém que indica as oportunidades de emprego e dá apoio até conseguir estabelecer-se.

Frases como "lá se conhecia todo mundo", "tinha muito parente", "se juntava os conhecidos para o mutirão" etc., refletem a importância do grupo migrante de uma determinada comunidade na cidade. Esses conhecidos e conhecimentos são mobilizados de forma que os que estão chegando se sintam seguros na cidade. Essas ajudas são imprescindíveis para sobreviverem em locais e espaços que não conhecem, não dominam, mas que precisam conhecer e dominar urgentemente, pois do contrário isso pode significar a volta ao local de origem, o que pode demonstrar o fracasso do migrante, revelando sua incapacidade em lidar com o novo, com o desconhecido.

Nos morros, nos loteamentos, eles vão constituindo novos lugares e novas experiências. Seus relatos e experiências de vida revelam conflitos, relações culturais e mudanças vivenciadas no decorrer do tempo; uma vez inseridos no novo espaço, tentam transformá-lo à sua imagem e, ao mesmo tempo, integram-se à nova cultura através da arte de inventar tradições e da adoção de uma cultura plural.

Os parentes que eu tinha aqui muito me ajudaram no começo. Pra começar incentivaram bastante a vir. Depois ajudaram a conseguir os documentos necessários e emprego na WEG, onde entrei em abril de 89 e estou até hoje. Essa ajuda era importante e depois eu mesmo arrumei emprego pra umas dez pessoas da minha família que estavam no Paraná. O difícil era ter onde morar. Naquele tempo não se exigia muito

papel como hoje para se começar a trabalhar. Hoje o cara tem que fazer um monte de exame, ter experiência, escolaridade, tempo de cidade. Está bem mais complicado (Seu João).

O valor do vizinho ou do compadre na cultura popular não é traço meramente peculiar e que se chegaria ao cúmulo de considerar apenas pitoresco. É índice de que a casa não começa e termina na casa. Fazer vizinhança é fundamental para sua inserção na cidade, no morro. Se viver perto demais pode agravar o caráter intrusivo da convivência, com várias famílias vivendo em uma única casa, por exemplo, esta é uma possibilidade diante da falta de moradia nos primeiros meses da mudança.

Aqui no morro eu fiz umas sete ou oito mudanças. Era sempre procurando um lugar pra ficar, era casa de parente, de conhecido, era porão, era barraco, era de tudo. Tudo junto, amuntado nas casa e assim se ia vivendo. Não tinha outro jeito (Seu Antônio).

Apesar da falta de liberdade e privacidade, essas ajudas sempre são lembradas. São lembranças cheias de agradecimento por quem deu a mão na hora das privações, das necessidades e dos acidentes. Gente que cuidou dela, dos seus e dos outros. Essas são lembranças de relações, nas quais é notável a memória de reciprocidade e de iniciativas. São pessoas encarecidas não por lhe terem servido, mas por lhe terem solicitado e recebido os seus próprios serviços. A gratidão é pelo que se recebe: e o que se recebe, especialmente, é a oportunidade de ofertar também.

Por isso, segundo Golçalves Filho,

a generosidade dos outros é inesquecível. Vem como o cuidado que nos foi dedicado em situações de penúria. Vem finalmente como consentimento de nossa própria generosidade – é quando a generosidade dos outros consiste num apelo para que focalizemos não tanto a penúria, a

carência de uns e de outros, mas a generosidade de todos (...) há gente ali, reunindo-se, recebendo-se. Os edífícios são precários, mas abrigam as iniciativas de sua reforma. A precariedade mesma dos prédios, paradoxalmente, pode valer provisoriamente como um bem: ajuda ver que o mais sólido, ali, é a companhia dos outros homens, visão essencial para o ânimo de fabricar bairros (1998: p.24).

* **Anelmo Schörner é Doutor em História Cultural, Prof. de História da Universidade Regional de Blumenau.**

NOTAS

1 - Este texto é parte de nossa tese de doutoramento em História (Universidade Federal de Santa Catarina/2006), intitulada "A Pedra, o Migrante e o Morro: feridas narcísicas no coração de Jaraguá do Sul (SC) - 1980-2000".

2 - A expressão "escuro", na verdade, se refere ao fato deles não saberem o endereço do Compadre Alcides, o que lhe causou alguns contratempos na chegada. Ou seja, mesmo quando afirmam que vêm no "escuro" vêm na esperança de encontrar um "ponteiro" que lhes ajude, alguém a quem podem recorrer nos primeiros dias na cidade.

3 - A maioria dos moradores entrevistados no Morro da Boa Vista, por exemplo, têm empregos sem estabilidade. Em sua maioria são pintores autônomos, chapas, pedreiros, serventes de pedreiros, jardineiros, porteiros, vigias; as mulheres são serventes, ajudantes de produção em indústrias têxteis e trabalham em pequenas fábricas têxteis (as chamadas facções) próximas ao morro.

4 - Em apenas dois casos observamos a vinda de uma família inteira no mesmo momento. Foi o caso de Dona Maria Clara, Zélia e Seu Leopoldo, que migraram com mais sete pessoas de General Carneiro (PR) para Jaraguá do Sul em 1986, onde foram morar no Morro da Boa Vista, e de Maria Eva, que chegou com mais nove pessoas em 1990 e foram morar no Morro da Pedra.

5 - "Quando eu cheguei em Jaraguá já vim direto pro Morro da Pedra, que era um lugar mais barato de se comprar terreno e de gente conhecida. Antes de vir pra Jaraguá

eu estive no Mato Grosso, em Primavera do Leste, que fica perto de Cuiabá. Também já morei em Francisco Beltrão e Quedas do Iguaçu, no Paraná. Aqui eu vim pela indicação de um amigo, que hoje é meu vizinho, o Marcelino. Foi ele que me ajudou a comprar aqui. Ele foi o guia de muita gente até aqui" (Veroni, mora no Morro da Pedra desde 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Rosilene
(1997) *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro, Graphia.
- DURHAM, Eunice
(1984) *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva.
- FONTES, Paulo Roberto
(2002) *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas, Unicamp. (Tese Doutorado em História).
- GONÇALVES FILHO, José Moura
(1998) "A memória da casa e a memória dos outros". *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, nº. 32, setembro-dezembro.
- LOPES, José Carlos
(2000) *A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril*. São Paulo, Hucitec.
- LUCENA, Célia Toledo
(1999) *Artes de lembrar e de inventar. (re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Arte e Ciência.
- SCHÖRNER, Anelmo
(2000) *O arco-íris encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas*. Joinville: Oficina Comunicações.
- SCHÖRNER, Anelmo
(2003) "Jaraguá do Sul: imagens criadas e realidades vividas versus as cores da realidade". *Boletim de História Demográfica/USP*, São Paulo, nº. 29, julho.
- SCHÖRNER, Anelmo e NODARI, Eunice Sueli
(2004) "Morro da Boa Vista: segregação social e exclusão territorial". *Fronteiras*, Florianópolis, nº. 12, julho.